

ENCADEAMENTO PRODUTIVO TECNOLÓGICO: INOVAÇÃO ABERTA

 CATALIS
Corporate Summit Rio







ENCADEAMENTO PRODUTIVO TECNOLÓGICO: INOVAÇÃO ABERTA



RIO DE JANEIRO
ANO 2021



Página de Créditos

© 2021. **Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro – Sebrae Rio.**
Rua Santa Luzia 685, 6º, 7º e 9º andares - Centro – Rio de Janeiro - RJ – CEP 20030-041 - www.sebraerj.com.br. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (lei nº 9610) – 1ª EDIÇÃO.

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual

Antonio Florencio de Queiroz Junior

Diretor-superintendente

Antonio Melo Alvarenga Neto

Diretor de Desenvolvimento

Sergio Malta

Diretor de Produto e Atendimento

Julio Cezar Rezende de Freitas

Gerência de Grandes Empreendimentos

Renato Regazzi – Gerente

Coordenação de Polos Competitivos

Wilton Victorio - Coordenador

Juliana Lima – Analista

Larissa Passos – Analista

Coordenação de Encadeamento Produtivo

Andreia Lopes - Coordenadora

Vanessa Cohen – Analista

Thaís Fraga - Analista

Gerência de Conhecimento e Competitividade

Cezar Kirszenblatt – Gerente até novembro de 2021

Margareth Sousa G. Carvalho – Gerente

Mara Cristian Godoy – Analista

Caique Souza A.de Oliveira - Analista

Conteudistas dos artigos

Celso Cunha

Claudia Amaral

Jonni Guiller F. Madeira

José Alberto S. Aranha

Ladmir Carvalho

Renato Regazzi

Rodrigo Abreu

Projeto Gráfico e Diagramação

Atrevo Comunicação e Design

Bibliotecário catalogador – Leandro Pacheco de Melo – CRB 7ª 5471

E56 Encadeamento produtivo tecnológico – inovação aberta : e-book
Catalisa Corporate Summit Rio / Celso Cunha...[et al].
– Rio de Janeiro : Sebrae/RJ, 2021.
52p. versão impressa

ISBN 978-65-5818-080-7

1. Inovação aberta. 2. Encadeamento produtivo. 3. Mercado.
I. Cunha, Celso. II. Amaral, Claudia. III. Madeira, Jonni Guiller F.
IV. Aranha, José Alberto S. V. Carvalho, Ladmir. VI. Regazzi,
Renato. VII. Abreu, Rodrigo. VIII. Sebrae/RJ. IX. Título.

CDD 658
CDU 658

Este conteúdo foi elaborado pelo
Programa Rio Oportunidades de Negócios,
criado pelo Sebrae Rio.

O programa tem como objetivo oferecer às micro e pequenas empresas informações estratégicas estruturadas sobre diversos setores da economia brasileira, e gerar conhecimento sobre e para os pequenos negócios a partir de uma ferramenta digital, com produtos de Inteligência Competitiva (IC) visando auxílio aos empresários para tomadas de decisões mais rápidas e assertivas para que cresçam de forma sustentável e competitiva.



www.rioportunidadesdenegocios.com.br

Apresentação

A Diretoria de Desenvolvimento do Sebrae Rio, por meio da Gerência de Grandes Empreendimentos e da Gerência de Projetos/Coordenação de Base Tecnológica realizaram o 1º CATALISA CORPORATE SUMMIT RIO.

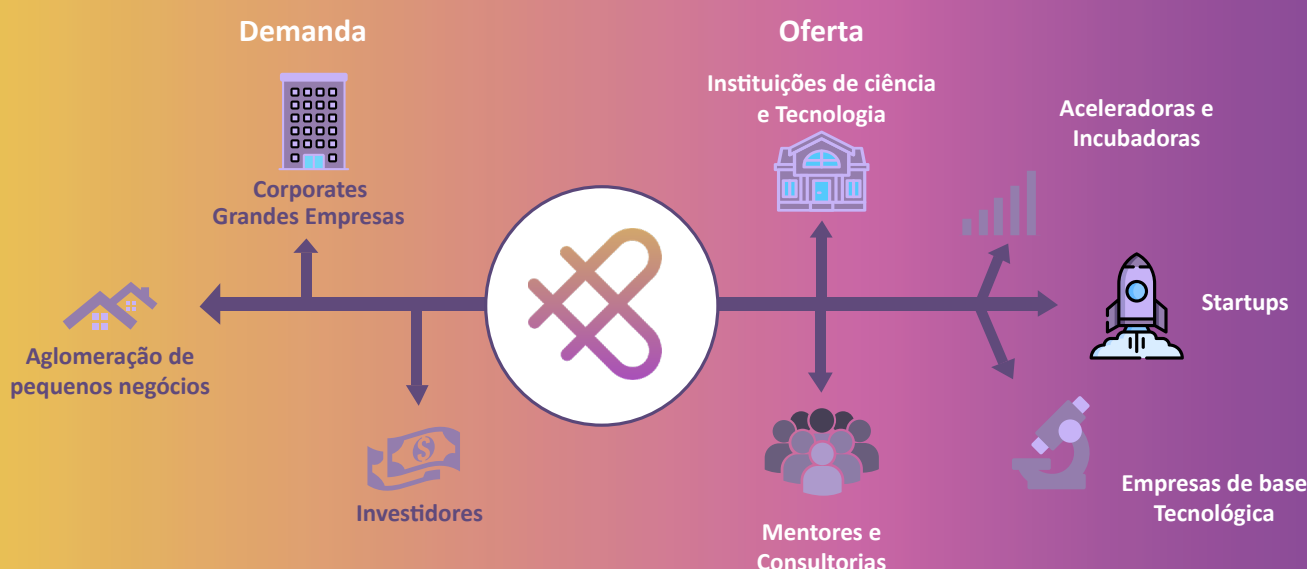
O evento teve como propósito conectar grandes e médias empresas aos pequenos negócios e promover a inovação aberta como ferramenta de aceleração da produtividade e competitividade das empresas, onde foi possível realizar a aproximação das micro e pequenas empresas (MPEs) com as médias e grandes empresas (MGEs) e fortalecer o ecossistema de inovação por meio do encadeamento produtivo e da inovação aberta.

Os principais objetivos dessa aproximação são:

- elevar a produtividade, competitividade, sustentabilidade e o crescimento dos pequenos negócios, por meio do relacionamento com médias e grandes empresas e das conexões com às redes (locais e globais), contribuindo para o desenvolvimento territorial integrado;
- conhecer as novas demandas empresariais e a oferta de serviços por meio da aproximação de grandes, médias, pequenas empresas e startups;
- fortalecer as relações das empresas com as redes de inovação.

É importante ressaltar que o Estado do Rio de Janeiro precisa catalisar a relação entre as empresas e os atores dos ecossistemas locais de inovação, a fim de transformar problemas em soluções inovadoras benéficas à sociedade, por meio de:

- novos CNPJs: com a inserção de pequenos negócios inovadores;
- transferência de tecnologia: com alta tecnologia dos territórios brasileiros em produtos nas prateleiras do mundo;
- capital humano qualificado nas empresas: com mestres e doutores inseridos nas pequenas empresas;
- outras soluções mais inovadoras: via pequenos negócios existentes.



Para conseguir atingir essa catalização, são necessários e esperados os seguintes resultados:

Brasil + Competitivo

Contribuir com a melhoria dos índices de produtividade e competitividade, por meio da implementação da estratégia de Encadeamento Produtivo, promovendo a inserção competitiva e a melhoria do desempenho dos pequenos negócios (potenciais fornecedores, desenvolvedores, startups e empresas de base tecnológica e seus clientes) nas cadeias de valor de médias e grandes empresas, por meio de relacionamentos cooperativos de longo prazo e mutuamente atraentes.

Fonte: Documentos de Referência para os Programas Nacionais – Linha de Ação: Conexões Corporativas

Brasil + Inovador

Fomentar e acelerar o crescimento de pequenos negócios inovadores por meio da conexão com os demais atores que atuam no ambiente de inovação e dar ampliação e acesso a redes de inovação.

Fonte: Documento de Referência Programa Nacional Brasil + Inovador - Plano Anual 2021

Ninguém constrói algo grande sozinho, e para que coisas incríveis aconteçam é preciso que todos inovem juntos, e para que ocorra essa inovação conjunta é importante adotar a lógica da convergência setorial.

Resultados do evento realizado

No período de 06 a 08 de abril de 2021 o evento foi realizado no formato online com 450 participantes que usufruíram de:

- ✓ **12 horas** de apresentações realizadas por grandes, médias e pequenas empresas;
- ✓ **38 apresentações** de cases e experiências de inovação aberta e intraempreendedorismo com foco na inovação;
- ✓ **09 artigos** elaborados com relatos de experiências de inovação aberta nas grandes empresas.

Os temas debatidos foram:

- Recursos para apoio à inovação – P&D;
- A inovação como indutor do desenvolvimento econômico;
- O polo de saúde Leste Fluminense, as oportunidades e inovações deste mercado;
- Transformação de clusters e aglomerados empresariais e novos negócios;
- A tecnologia nuclear, sua utilização e oportunidades de negócios;
- Como grandes e médias empresas têm inovado e impactado as micro e pequenas empresas;
- Cases de sucesso de P&D no setor de óleo e gás - conexões para inovação Petrobras – Sebrae.

Sobre este e-book

Espera-se que por meio deste e-book o leitor possa se valer do conhecimento explorado nos artigos elaborados por diversos conteudistas que contribuíram com informações sobre:

- as lições mais importantes sobre o tema inovação aberta e as oportunidades para se atuar com essa modalidade;
- as novas conexões de negócios e como o networking ajuda a ganhar tempo e sair na frente para identificar ofertas e demandas tecnológicas, e como dar 'matchmaking' entre grandes corporações e pequenas empresas;
- a importância da gestão de resultados para uma atuação otimizada visando ter mais produtividade e assim tornar a empresa mais competitiva no mercado.

Boa Leitura!



Sumário

Por que o Sebrae promove inovação aberta?

..... 13

Por que sua empresa deve fazer inovação aberta com apoio do Sebrae?

..... 13

Artigo 1 - Inovação

..... 15

Artigo 2 – A inovação aberta cria valor entre grandes e pequenas empresas

..... 19

Artigo 3 - Startups e o sistema tradicional de saúde - por que não?

..... 23

Artigo 4 - Um olhar singular para o sistema de inovação

..... 27

Artigo 5 - Como é possível inovar para resolver problemas sociais de modo sustentável?

..... 31

Artigo 6 - Inovação em gestão de pessoas: formar seguidores!

..... 35

Artigo 7 - Startup brasileira promete revolucionar o mundo da mobilidade inteligente veicular

..... 39

Artigo 8 - As micro e pequenas empresas (MPEs) podem ser o sustentáculo para a formação de uma cadeia produtiva do setor nuclear

..... 41

Artigo 9 - O sistema de inovação é a base para o desenvolvimento econômico e social

..... 45

POR QUE O SEBRAE PROMOVE INOVAÇÃO ABERTA?

Para dar um salto quântico na inovação no Brasil e assim gerar mais oportunidades aos pequenos negócios por meio do/da:



FORTALECIMENTO DO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO



ACESSO A NOVOS CLIENTES E MERCADOS



ACESSO A MAIS OPORTUNIDADES E RECURSOS



INTELIGÊNCIA DE MERCADO EM INOVAÇÃO

POR QUE SUA EMPRESA DEVE FAZER INOVAÇÃO ABERTA COM APOIO DO SEBRAE?

Para aumentar as chances de sucesso dos seus investimentos em inovação por meio da/do:



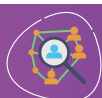
CONEXÃO COM TODOS OS ECOSISTEMAS LOCAIS DO BRASIL



ACESSO A NOVOS MERCADOS E TECNOLOGIAS



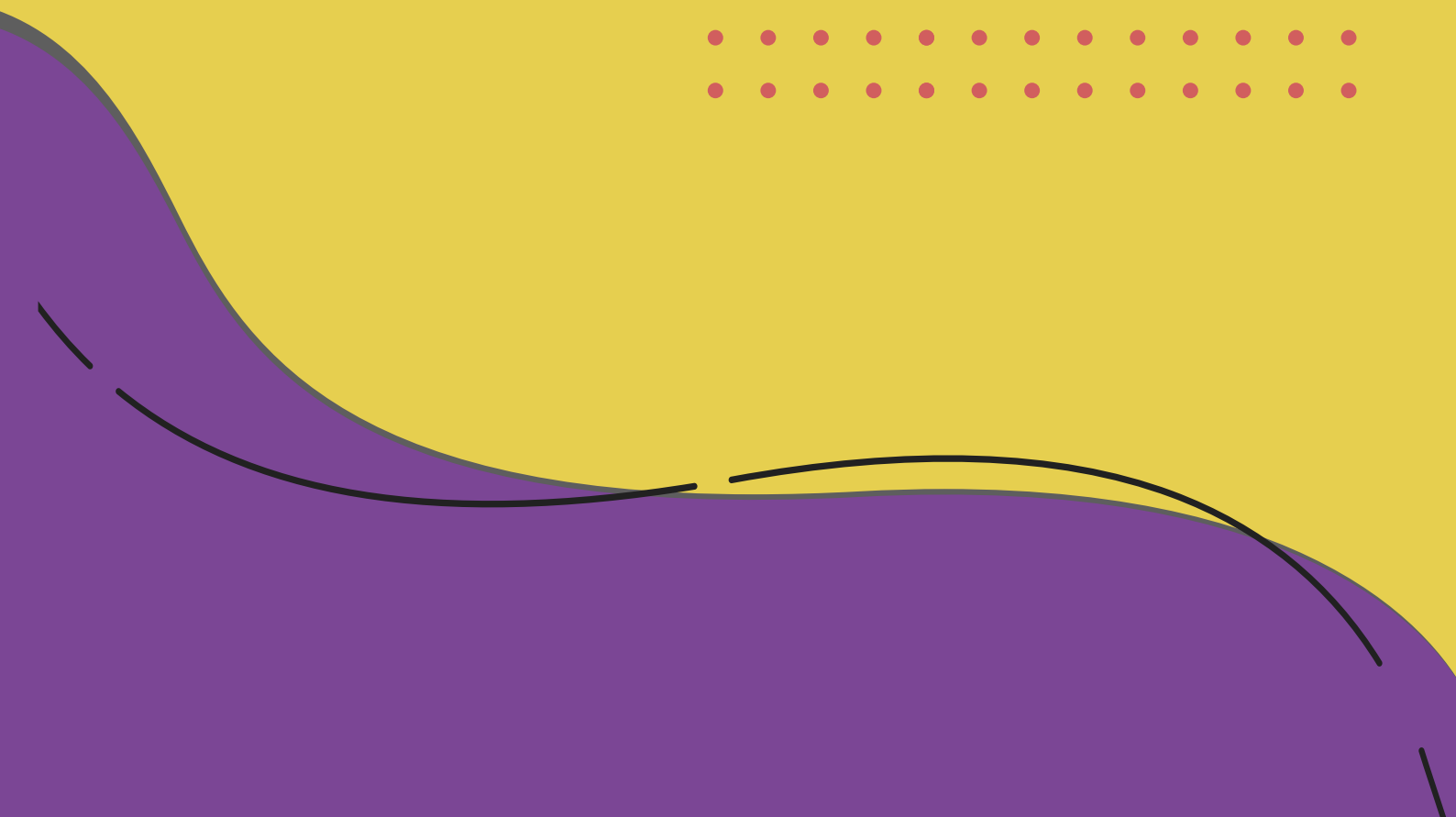
ACESSO A MAIS RECURSOS, SOLUÇÕES E PARCEIROS



ATUAÇÃO DIGITAL, DEMOCRÁTICA E COLABORATIVA



INOVAÇÃO



A palavra “Inovação” está na moda, não porque alguém resolveu que precisamos dar foco a esse tema, mas essencialmente porque a nossa sociedade está tão acelerada que reinventarmos tornou-se crucial para a sobrevivência, tanto de uma grande empresa quanto de uma microempresa.

Porém, isso não é um discurso vazio para se passar para o mundo externo; é na verdade um conjunto de medidas e ações internas da empresa que acontecem todos os dias.

Tipos de inovação

Tecnicamente existem três tipos de inovação:

1- Incremental: trata-se da evolução de algo já existente, tanto em produtos ou serviços quanto em processos e rotinas. Este é o tipo de inovação que mais acontece nas companhias, onde se está transformando continuamente o que se faz para algo com mais qualidade, menor custo e menor tempo;

2 - Radical: vem ser a captura de uma oportunidade que outras empresas não perceberam, quando, por exemplo, num mercado já existem os clientes que pagam por um serviço, porém alguém percebe que pode ser feito de outra forma, através de um novo método de vendas, de um novo formato de entrega etc;

3 - Disruptiva: este é o caso mais raro, pois é quando se cria um mercado completamente novo para determinada coisa, como o que aconteceu com o Spotify na venda de músicas, por exemplo. A mudança foi tão drástica nesse mercado que alterou o comportamento dos consumidores.

Muitos dos pequenos empresários que existem no Brasil conectam a necessidade de inovação a ter uma ideia disruptiva; pensam que é isso o que poderá transformar a sua empresa. Porém, enquanto se tenta inventar algo inédito, seus concorrentes estão fazendo inúmeras inovações incrementais, tornando-os mais competitivos e viáveis.

O que é relevante para um empresário de pequeno porte é entender que a inovação tem de vir de todos da empresa, e não apenas do empreendedor. Para isso, é fundamental entender que o ambiente da organização poderá contribuir de forma expressiva para que se tenha um ambiente evoluindo continuamente.

A criatividade é uma condição humana, afinal somos criativos em nossas essências desde crianças; o que ocorreu é que a vida nos podou, nos colocou presos em armários psíquicos que nos bloqueia continuamente. Cada colaborador de uma empresa tem características próprias para enxergar problemas e encontrar soluções, e um dos erros mais comuns do empresário é querer que todos pensem como ele, que tenham a velocidade dele, a visão dele, ainda que encontre as mesmas soluções.

Como criar o ambiente propício para a inovação

O primeiro passo para inovação está em criar o ambiente propício para isto, começando com algumas compreensões:

1 - As pessoas são diferentes, e por isso é fundamental que o empreendedor estude um pouco mais o perfil das pessoas para encontrar quem é quem no seu time, e com isso poder colocar cada um no lugar certo onde irá brilhar mais;

2 - Entender que o erro é parte do processo, pois ninguém aprende a andar de bicicleta sem cair. É importante estimular o grupo de trabalho dizendo que a velocidade é mais importante que a precisão e que, portanto, é permitido errar para acertar mais rapidamente. A equipe não pode ter medo de criar por haver a possibilidade de erro;

3 - Todos precisam entender a missão e não apenas a tarefa. Isso significa que, independentemente do cargo que alguém possua, é importante que compreendam os problemas, as dificuldades para crescer e manter a empresa competitiva;

4 - É fundamental empoderar os colaboradores para que possam estar continuamente insatisfeitos com tudo o que fazem, com a finalidade de que estejam atentos e de que se permitam sempre inovar.

Inovação e liderança

Sendo assim, é possível afirmar que, para ser inovadora, uma empresa será dependente da forma como o líder se comporta, da maneira como se relaciona com a sua respectiva equipe. Assim, o líder autoritário e centralizador jamais terá um grupo inovador, mas também um líder liberal e democrático demais não conseguirá esse objetivo. A solução está no meio, no centro, nem tanto para um lado, nem tanto para o outro, pois nessa posição o líder entenderá melhor as características pessoais de cada um da equipe, contribuindo de forma mais expressiva para que todos, do seu jeito pessoal, consigam ser inovadores e criativos, como acontece com as crianças.

Abraham Maslow já dizia: “O homem criativo não é o homem comum que se acrescentou algo, criativo é o homem comum do qual nada se tirou.”

A importância da criatividade para apoio à inovação

Quando nós éramos crianças, a criatividade borbulhava em nossas mentes: inventar novas brincadeiras, criar soluções inimagináveis era comum. O que temos que fazer como líderes de nossas empresas é mostrar para o time que podemos criar, inventar, questionar, dar ideias e soluções, para que o grupo, junto, decida o que for melhor. Quanto mais centralizador for o líder menor será o ambiente criativo e inovador – tudo começa com a transformação da mente do líder.

Para finalizar, não pense que estes conceitos não cabem na sua empresa, por sua equipe ter baixo nível cultural, as pessoas não estarem treinadas, os colaboradores não pensarem na empresa ou os funcionários só pensarem nos respectivos salários. Inúmeros estudos já mostraram que pagar mais não torna um time mais inovador e criativo. A inovação e a criatividade não têm relação com salário, nível cultural ou mesmo educacional; ela está ligada diretamente ao ambiente em que todos estão inseridos. Então, mãos à obra: você é o dono, o empreendedor, o líder para começar esta transformação e tornar a sua organização a melhor do mercado.



Ladmir Carvalho
Presidente da Alterdata Software

Sobre o autor do artigo

Ladmir Carvalho, presidente e fundador da Alterdata Software. Graduado em Direito, pós-graduado em Direito Empresarial, MBA em Gestão de TI. Vencedor do prêmio de empreendedor do ano de vários institutos, autor do livro *Dicas de Gestão & Carreira de um Empreendedor*. Palestrante nacional e internacional de temas como empreendedorismo, liderança, inovação e outros.

A INOVAÇÃO ABERTA CRIA VALOR ENTRE GRANDES E PEQUENAS EMPRESAS



A inovação é um processo que tem como objetivo a melhoria de um produto e serviço ou criação de novos, incluindo processos, marketing e modelos de negócios que sejam aceitos pelo mercado. A geração contínua de inovação é o que garante a sustentabilidade de uma empresa.

Por meio da inovação, é possível manter ou conquistar mercados no curto, médio e longo prazos. A inovação é a base da competitividade e do empreendedorismo. De forma simplificada, existem dois tipos de inovações e ambas são importantes para a sustentabilidade de uma organização.

Tipos de inovações

A primeira classificação das inovações são as incrementais, que normalmente utilizam tecnologias existentes ou ideias para integrar ao negócio, melhorando a produtividade, os serviços, os produtos e o modelo de negócio.

O outro tipo de inovação são as de ruptura, ou disruptivas, que necessitam de uma nova tecnologia, uma ideia inédita, um novo modelo de negócio que impacta e transforma todo um setor – é uma singularidade.

É interessante lembrar que a inovação pode ser em alguns casos considerada um monopólio de curto prazo, visto o potencial de ser copiada rapidamente pelos concorrentes. As inovações incrementais são mais fáceis de serem reproduzidas em comparação com as inovações de ruptura. O importante para o empreendedor é estar sempre inovando.

Competitividade: fator relevante para a ampliação de mercados

A competitividade é a capacidade de uma empresa ou organização manter ou ampliar mercados, estabelecendo estratégias para fazer frente à concorrência e à necessidade de seu público-alvo.

Para isso, a inovação deve fazer parte de todas as estratégias competitivas organizacionais, buscando a sustentabilidade por meio da redução de custos, diferenciação ou nicho, garantindo a existência do empreendimento no longo prazo.

Alguns atributos da competitividade devem ser levados ao processo de inovação, visando gerar soluções que promovam um novo produto ou serviço que atenda às necessidades e expectativas dos consumidores e até as supere.



Também nos contextos de se buscar inovações, é importante procurar uma maior eficiência na produção, compra e entrega do produto e sua assistência técnica e na busca por melhorias ou saltos de produtividade, através do aumento da velocidade dos processos, da rapidez de entrega, qualidade, conformidade e redução de desperdícios e melhor aproveitamento dos recursos, além das estratégias de comunicação, marketing e de economia circular.

Inovação aberta

Nesse contexto, devido principalmente à grande velocidade das mudanças, o processo de inovação fora da organização assume um papel decisivo, o que quer dizer que muitas inovações serão desenvolvidas fora das empresas por meio do potencial criativo externo, do ecossistema de inovação, e depois serão incorporadas à empresa por meio de parcerias, relações de fornecimento ou aquisições. Esse processo se chama inovação aberta.

É uma grande oportunidade de geração de valor pela integração entre grandes empresas e o ecossistema de inovação, com destaque para as pequenas empresas (startups). É o encadeamento produtivo tecnológico de forma colaborativa, realizado por meio do poder de compras e liderança das grandes empresas que colocam desafios com o objetivo de melhorar suas operações, produtos ou serviços, em parceria com pequenas empresas ou startups, que são ágeis na criação e no desenvolvimento de inovações, mas não têm recursos e muitas vezes não conseguem mapear as demandas de mercado.

Concluindo, podemos ver que essa parceria entre grandes e pequenas empresas para desenvolvimento de inovações, com a demanda dos desafios das grandes empresas e em parceria com centros tecnológicos, é uma maneira pragmática de geração de valor para todos os envolvidos: juntando oferta, demanda, requisitos e capacidade tecnológica, laboral e inventiva de forma coordenada.



Renato Dias Regazzi
MSc Mestre em Gestão Tecnológica e Gerente do Sebrae/RJ

Sobre o autor do artigo

Mestre (Msc) em Gestão Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), é Pós-Graduado em Engenharia de Produção, com ênfase em Qualidade e Produtividade, pelo Instituto Nacional de Tecnologia (INT/UFRJ), e é Graduado em Engenharia Mecânica pela UFRJ. Possui MBA em Gestão Estratégica de Negócios e Inovação pela HSM Educação e tem especialização em Formação de Lideranças pela Fundação Dom Cabral (FDC) e em Gestão Estratégica pelo Insead (Fontainebleau, França). Também possui MBA em Gestão de Pessoas com Ênfase em Liderança Organizacional (FDC). Fez o curso de Estratégia e Mindset para Acelerar a Inovação na Universidade de Stanford (IEL) e o curso de Gestor de Projetos de APLs pelo Bid/Promos, em Milão (Itália). É especialista em Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional. No Sebrae/RJ desde 1993, é atualmente gerente da área de Grandes Empreendimentos do Sebrae/RJ, conselheiro do Fórum de Competitividade da Firjan, além de ex-conselheiro administrativo da Agência Desenvolve do Estado de Alagoas. É autor de diversos artigos, livros e publicações e trabalha há mais de 20 anos com o tema do empreendedorismo e do desenvolvimento regional.

STARTUPS E O SISTEMA TRADICIONAL DE SAÚDE - POR QUE NÃO?



Imagine um sistema de saúde todo interligado e parametrizado, que permite acompanhar a jornada completa do paciente – desde a atenção primária até o desfecho do tratamento –, de modo que a análise dos dados gerados possibilita a adequação dos tratamentos de acordo com as características individuais de cada paciente e a adoção assertiva de ações preventivas, colocando o paciente no centro desse sistema. Um cenário no qual se evita doenças, trabalhando na prevenção delas, efetivando os cuidados e a antecipação das mesmas, não apenas combatendo e controlando doenças e epidemias.

Essa ainda não é uma realidade plena em nenhum lugar do mundo, mas alguns países como Inglaterra, Canadá e Portugal já vêm adotando modelos que direcionam para esse cenário e é neles que devemos nos espelhar!

Primeiro é preciso ter consciência do cenário da saúde do Brasil

Tudo começa ainda na formação médica, que é a mesma há mais de um século, na qual os futuros médicos são forçados a escolher uma especialidade ainda na faculdade, deixando de lado o foco na medicina generalista, fundamental para a atenção primária em saúde e a base para um sistema de saúde saudável. Essa é uma realidade altamente antiprodutiva para o sistema, tornando-o insustentável se voltarmos o olhar apenas para a pirâmide etária, que se inverteu, com um número cada vez maior de idosos, cujos gastos só crescem e também empurram os custos do sistema para cima.

E, se olhar para o quesito tecnologia, observamos que o setor de saúde evoluiu em técnicas, equipamentos e práticas médicas, mas que não foi capaz de modernizar seus conceitos e regulações, fazendo com que todo esse avanço e modernidade sejam subutilizados considerando os desperdícios com saúde, que atingem estratosféricos 35%! Ou seja, os custos crescem e não percebem os ganhos de produtividade, sendo necessário cada vez mais dinheiro para ficar no mesmo lugar.

Farmácias: pontos de atenção primária

Vale citar também que, há pouco mais de 30 anos, as farmácias eram pontos de atenção primária em saúde e os pacientes tinham com elas uma relação de confiança, não apenas para a compra de remédios, mas também para buscar orientação, aferir pressão, tomar vacina, dentre diversas outras demandas. E ainda hoje os pacientes buscam as farmácias primeiro!

Muitos fazem isso para se automedicar (estudos apontam que mais de 70% da compra de remédios no Brasil é fruto de automedicação), outros tantos pela dificuldade de acesso a uma clínica popular ou a um posto de saúde, mais uma demonstração de que o formato da saúde operado atualmente não se sustenta. O SUS não dá conta da demanda, a saúde suplementar custa caro e só é acessível a 1/5 da sociedade, as clínicas populares e médicos de família costumam se concentrar em regiões metropolitanas e deixa à deriva populações desassistidas...

Gasta-se muito dinheiro com saúde, porém mal!

Pandemia da Covid-19

De repente, nos deparamos com a pandemia da COVID, a tempestade perfeita que trouxe atitudes para muitos já esquecidas: ser mais efetivos, olhar para as falhas, humanizar as relações. Essa crise sanitária obrigou a todos nós adotar ações que vinham sendo postergadas (ou ignoradas) e forçou grandes corporações e órgãos reguladores a rever parâmetros para permitir o acesso a consultas e medicamentos, trazendo à luz a importância de um olhar menos catedrático e mais humano para o paciente: telemedicina, prescrição eletrônica, compras online de medicamentos, dentre tantas outras soluções. O futuro já chegou e as soluções estão prontas para quebrar esse ciclo vicioso de ineficiência.

E nem precisa, muitas vezes, que essas soluções sejam mirabolantes, basta que elas sejam eficientes e solucionem os problemas de base; que atinja positivamente a base da pirâmide.

O paciente deve ser o centro da atenção

É necessário mudar o foco e olhar a saúde de fora pra dentro! As práticas médicas evoluíram, mas têm-se os mesmos conceitos, ou seja, o paciente não está no centro da atenção, o usuário da saúde não tem informação se o que foi feito é a melhor prática, se tem eficiência. E como mudar isso? Mudando essa prática e colocando o paciente no centro do sistema. É preciso acompanhar os resultados para melhorar a qualidade dos serviços e, principalmente, a efetividade dos tratamentos de saúde, criando um sistema unificado, onde se possa ter um registro do histórico do paciente.

E como as startups podem contribuir para a evolução do sistema de saúde?

As startups, que adotam tecnologia e inovação, propõem justamente isso: furar a bolha do formato tradicional e trazer novas propostas de assistência à saúde com base na tecnologia e, principalmente, na informação. Já existe o uso de inteligência artificial para análises clínicas e de imagem, chatbots, telemedicina, teleconsulta, prescrição, prontuário eletrônicos, aplicativos para compras de remédios...

Ufa! Mas quem está em posição que permite influenciar precisa fazer uma leitura atualizada, apoiar essas iniciativas e tocar para frente esses projetos que chegam para impor um novo cenário, aproveitando o oportuno momento de construção de pontes, e encurtar o distanciamento no novo com o tradicional. Mas ainda não se tem um sistema unificado ou interligado.

A saúde precisa, urgentemente, ser equânime e equalizada para todas e todos!

Para isso, é preciso atar todos os nós para que essas soluções sejam efetivas e eficientes, da assistência primária ao desfecho. É necessário remodelar o sistema e passar por todos os elos da cadeia de saúde, incluindo nelas as farmácias e dando protagonismo ao paciente.

O paciente tem de estar no centro da atenção, até pelo fato de que será ele quem irá permitir a geração de resultados financeiros para os operadores de saúde. E a inserção da tecnologia é o meio para tal. Com o uso da tecnologia, pode-se proporcionar o atendimento primário próximo de casa através de consultórios farmacêuticos (conceito de hub pharmacy) ou da interação das farmácias com clínicas e postos de saúde locais, conduzindo o paciente para cuidados racionais com a saúde, “educando” o paciente, começando por fechar a torneira da automedicação e por desinchar o sistema e as emergências médicas.



O consumidor 4.0

O cidadão já está empoderado, já consome em plataformas online e está cada vez mais exigente. É fundamental reeducar o sistema de saúde para atender a esse novo cliente. Até mesmo os idosos já se modernizam e estão demandando dessa forma.

Os pacientes já estão sendo educados para essa nova realidade. É preciso estar disposto a surfar essa nova onda e fazer! Convido a todos que acreditam ser possível uma nova forma de fazer saúde que se unam e façam acontecer, pois alguém tem de ser o Uber da saúde!



Claudia Amaral
CEO Remedin e Vice-Presidente da
Associação Brasileira de Startups
de Saúde (ABSS)

Sobre o autor do artigo

Formada em Comércio Exterior com 20 anos como assessora executiva de C-Levels de pequenas e médias corporações, fundadora da healthtech Remedin, sócia da Agência 4Tuna de Transformação e Marketing Digital, vice-presidente da ABSS (Associação Brasileira de Startups de Saúde) e fundadora do Coletivo Feminino Fazadeiras, atua como mentora de jovens empreendedores, palestrante, painelistas, debatedora e avaliadora em diversos ambientes de inovação e empreendedorismo (AGIR-UFF, INLAGS, ABSS, Conecta Startups-Softex, SEBRAE-RJ, Hackinrio, Hacknit, Arariboia Valley, Ela Empoder@-Softex, StartupBio - Parque Tecnológico da UFRJ, iLabthon, Universidade de Toledo-EUA e Universidade da Califórnia).



UM OLHAR SINGULAR PARA O SISTEMA DE INOVAÇÃO



No cenário atual, marcado por grandes mudanças tecnológicas, políticas, sociais, além do impacto da pandemia da Covid-19 nos negócios, os desafios para a sustentabilidade empresarial estão cada vez mais relacionados à capacidade de inovação das empresas, seja essa inovação incremental, alavancada por meio de melhorias graduais, ou por ruptura, por meio de produtos, processos e serviços inéditos e transformadores.

É a inovação que garante novos estímulos ao consumidor e pode ser considerada a base da estratégia para romper barreiras de mercado e de enfrentamento da concorrência. No entanto, existem grandes dificuldades de entendimento sobre o modelo metodológico ideal que garanta a inovação continuada em um sistema produtivo competitivo.

As experiências adquiridas na dinamização de algumas estruturas produtivas brasileiras, nos últimos 20 anos, permitiram identificar que, apesar dos estímulos realizados às estruturas de pesquisa e desenvolvimento (P&D), de formação profissional e de incentivo à busca de novas informações e conhecimentos, o processo de inovação ocorreu, sobretudo, a partir da participação das empresas e instituições do território em eventos, cursos, feiras, missões, visitas técnicas, rodadas de negócios entre compradores e fornecedores, incrementadas pelo processo de inovação aberta, de forma coletiva e integrada. Isto pouco foi planejado ou pensado como grande fonte de geração de inovações para as empresas, mas foi de fato a forma que gerou mais inovações no âmbito de muitos territórios brasileiros.

Interação entre empresas e instituições é a base para inovar e crescer

Pode-se então sugerir que um eficiente sistema de inovação deve considerar como fundamentais os mecanismos de realização de atividades de interação entre empresas e instituições, por meio da difusão de informação, tecnologia, cultura, capacitação, planejamento e negócios, de forma coletiva. Assim, deve-se incentivar ao máximo, sem estressar o sistema, a participação dos atores institucionais e empresariais em ações conjuntas e convergentes, sempre trazendo novos desafios para a competitividade e sustentabilidade empresarial, e do sistema produtivo como um todo.

Dessa forma, é possível refletir que o modelo tradicional (linear) com foco na pesquisa e desenvolvimento (P&D) de busca da inovação e a abordagem pela interação entre empresas por meio de ações coletivas não são antagônicas, e sim convergentes e complementares. Através de um efetivo diagnóstico das estruturas produtivas e tecnológicas existentes, é possível identificar as prioridades para focar no modelo de inovação mais apropriado, que gere melhores resultados para o setor produtivo e para a sociedade.

Isso não impede que as duas abordagens possam conviver em um mesmo ambiente. Pelo contrário, poderia ser uma solução, visto que a integração de ambas seria um exemplo de modelo eficiente de sistema de inovação, ressaltando que as estratégias pragmáticas, diferenciadas e customizadas funcionam, na prática, melhores que sistemas ideais ou utópicos.

Cabe lembrar que a inovação tem como parâmetro a aceitação ou adequação de um processo, produto ou serviço pelo mercado. Sem esse parâmetro, não pode ser considerada uma inovação. Em alguns casos, a inovação pode ser comparada a um monopólio de curto prazo, visto que rapidamente será copiada, necessitando velocidade em se renovar para manter essa dinâmica sustentável e efetiva para o desenvolvimento das empresas, organizações e, conseqüentemente, para a sociedade e o meio ambiente.



A inovação nos pequenos negócios

É possível observar que o processo de inovação nas micro e pequenas empresas (MPE) brasileiras acontece, sobretudo, por necessidades latentes e a partir das interações com outras empresas, fornecedores, clientes e instituições, visando atender aos requisitos de mercado. Sendo assim, o processo de estímulo à inovação nas pequenas empresas deve incentivar ações que promovam as inter-relações empresariais, a convergência ou “intersectorialidade” como poderoso instrumento de desenvolvimento, além das formas tradicionais de programas e projetos de inovação existentes.



Renato Dias Regazzi
MSc Mestre em Gestão Tecnológica e Gerente do Sebrae/RJ

Sobre o autor do artigo

Mestre (Msc) em Gestão Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), é Pós-Graduado em Engenharia de Produção, com ênfase em Qualidade e Produtividade, pelo Instituto Nacional de Tecnologia (INT/UFRJ), e Graduado em Engenharia Mecânica pela UFRJ. Possui MBA em Gestão Estratégica de Negócios e Inovação pela HSM Educação e tem especialização em Formação de Lideranças pela Fundação Dom Cabral (FDC) e em Gestão Estratégica pelo Insead (Fontainebleau, França). Também possui MBA em Gestão de Pessoas com Ênfase em Liderança Organizacional (FDC). Fez o curso de Estratégia e Mindset para Acelerar a Inovação na Universidade de Stanford (IEL) e o curso de Gestor de Projetos de APLs pelo Bid/Promos, em Milão (Itália). É especialista em Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional. No Sebrae/RJ desde 1993, é atualmente gerente da área de Grandes Empreendimentos do Sebrae/RJ, conselheiro do Fórum de Competitividade da Firjan, além de ex-conselheiro administrativo da Agência Desenvolve do Estado de Alagoas. É autor de diversos artigos, livros e publicações e trabalha há mais de 20 anos com o tema do empreendedorismo e do desenvolvimento regional.

COMO É POSSÍVEL INOVAR PARA RESOLVER PROBLEMAS SOCIAIS DE MODO SUSTENTÁVEL?



A relação entre ciência, tecnologia e inovação (CT&I) e os desafios sociais ainda é algo pouco explorado na literatura e nas políticas públicas. Avaliações de impacto e propostas de políticas públicas de CT&I em geral colocam entre suas metas o aumento da competitividade e o fortalecimento de segmentos de alta tecnologia.

Uma oportunidade para empresas em inovação aberta de impacto social

Compreender o paradoxo da prosperidade é o primeiro passo para resolver esse problema. Os países não criam prosperidade duradoura ao tentar resolver os sinais aparentes de pobreza – em vez disso, eles resolvem a pobreza criando prosperidade, como Efosa Ojomo e Rich Alton do Clayton Christensen Institute afirmam e mostram isso em sua pesquisa⁽ⁱ⁾.

Para que isso possa ocorrer, no entanto, é necessário um tipo específico de inovação: as inovações criadoras de mercado, que transformam produtos complicados e caros em produtos simples e acessíveis, tornando-os disponíveis para um novo segmento, o qual Ojomo e Alton chamam de “não consumidores”, que, apesar da evidente demanda, não dispõem de qualquer solução acessível.

Para iniciar o artigo, é preciso separar inovação de invenção. A invenção é criar alguma coisa nova. A inovação ocorre quando uma invenção é utilizada pela sociedade, quando ela agrega valor à invenção.

E as grandes empresas, não fazem ou podem fazer isso para os “não consumidores”?

As grandes empresas estão sendo atropeladas nos últimos anos pela inovação. Das 500 maiores empresas da revista Fortune desde 1955, quando o ranking foi publicado pela primeira vez, até 2018, apenas três empresas mantiveram suas posições entre as maiores da lista⁽ⁱⁱ⁾.

O que aconteceu? As pequenas empresas inovadoras com mais agilidade e com maior percepção das necessidades e soluções dos problemas da sociedade, utilizando-se de novos conhecimentos, criaram produtos e serviços disruptivos que mudaram os conceitos de custos, processos e mercado.

A saída para as empresas mais tradicionais, então, foi optar pela inovação aberta, que, conforme o jornal exclusivo⁽ⁱⁱⁱ⁾, exigiu um foco maior em promover inovação interna, transformar sua cultura organizacional e aprender a trabalhar em ecossistemas dinâmicos, confiáveis e que acelerassem seus processos por meio da inovação aberta com empreendedores e outras organizações.

As parcerias entre empresas e startups, universidades e instituições de pesquisa ficaram cada vez mais frequentes. Essa união, quando feita com a finalidade de inovar, ficou conhecida como inovação aberta. O conceito foi criado em 2003 pelo pesquisador Henry Chesbrough para descrever o compartilhamento de recursos e de conhecimentos internos de uma empresa a colaboradores externos, com o objetivo de acelerar o processo de inovação.

Segundo Gianna Sagazio da Confederação Nacional da Indústria (CNI), as startups têm um papel fundamental para a aceleração da inovação no país e podem funcionar integradas a P&D das empresas: “Está claro que a inovação corporativa realizada em conjunto com startups é uma alternativa viável de inovação rápida e com menores riscos associados”.



O que é Inovação de impacto social ^(iv) e sustentável?

O termo “inovação com impacto social” inclui produtos, processos e serviços inovadores que atendam a desafios sociais. Nessa abordagem ampla, podem fazer parte as inovações desenvolvidas por grandes empresas (apesar de que esta ação ainda se encontra em evolução nas empresas), protegidas por direitos de propriedade industrial e cuja geração visa ao lucro, desde que elas tenham impacto positivo em demandas ou necessidades sociais.

A relação entre ciência, tecnologia e inovação (CT&I) e os desafios sociais ainda é algo pouco explorado na literatura e nas políticas públicas. Avaliações de impacto e propostas de políticas públicas de CT&I em geral colocam entre suas metas o aumento da competitividade e o fortalecimento de segmentos de alta tecnologia.

Solucionar problemas sociais aparece comparativamente, de forma marginal, em especial quando tais questões impactam especificamente as camadas de menor renda da população.

Como mudar uma comunidade com a parceria Universidade / Empresa utilizando inovação aberta com impacto social

Os resultados alcançados pela iniciativa pioneira em Palo Alto inspiraram diversas outras cidades ao redor do mundo, estimulando ambientes focados em geração de empreendimentos inovadores e o crescimento da economia baseada na inovação e no conhecimento. Fundamentado nas experiências dos parques tecnológicos criados nestes ambientes, um trabalho que vem conquistando admiradores e está gerando resultados animadores em ambientes de alta instabilidade e carência é o que contempla a implantação de Parques de Inovação Social em Comunidades Carentes.

A ideia do parque é juntar esforços da Universidade (Escola Técnica local), do Governo, das Empresas e ser apoiado pela comunidade, o que poderia ser chamado de modelo de quatro hélices, com o objetivo de provocar uma mudança social na região foco, melhorando a qualidade de vida e o bem estar social, por meio da transferência de conhecimento, tecnologia, inovação e da criação de empresas com pessoal local capacitado e focado no desenvolvimento de produtos e serviços, de interesse local, que possam ser “exportados”, diminuindo as desigualdades entre as classes sociais.



Parque de Inovação Social

O Parque de Inovação Social é um ambiente que favorece e promove a interação entre os diferentes agentes locais com o objetivo de gerar ideias que se transformem em produtos e serviços inovadores, principalmente para os “não consumidores” das classes C, D e E. Baseado nas premissas da dissertação de Magacho^(v) e no trabalho de Jimenez^(vi), está sendo planejado com apoio da diretoria de tecnologia da FAPERJ um parque de inovação social na Rocinha, chamado Parque de Inovação Social e Sustentável da Rocinha.

Esse parque pode ser uma boa oportunidade para que empresas em contato ou não com universidades possam utilizar a inovação aberta para criar produtos e serviços para “não consumidores” num princípio de economia circular, agregando valor às cadeias produtivas de produtos e serviços, conforme descrito pelo Instituto Brasileiro de Sustentabilidade e ESG ESG (Environmental, Social and Governance - tradução livre: Ambiental, Social e Governança).

Economia Circular

De acordo com o instituto, a Economia Circular é um conceito estratégico que assenta na redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia, substituindo o conceito de fim-de-vida da economia linear por novos fluxos circulares de reutilização, restauração e renovação.

(i) Publicado originalmente na MIT Sloan Review Brasil #5 Parceria: MIT Sloan Review Brasil | HSM | Catalyze – ver em <https://bit.ly/3dlup7L>

(ii) Época Negócios 21/05/2018 – ver em <https://glo.bo/3dpUPVM>

(iii) Jornal exclusivo de 24/07/2020 – ver em <https://bit.ly/3dje1TU>

(iv) Zucoloto, Graziela Ferrero; Respondevesk, William - Inovação com impacto social: afinal, do que falamos? – ver em https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/radar/180827_radar_57_cap02.pdf

(v) Magacho, Lygia A. M. - Parque de Inovação de Serviços para as Pessoas Metodologias para o planejamento - Dissertação de Mestrado PUC-Rio, 09/2010.

(vi) Jiménez, Daniel Rocha e León, Patricia Lora - Social Innovation as Transformation of Communities: The Model of Social Innovation Scientific Park – Colombia - La Innovación Social Como Transformación de Comunidades: El Modelo Del Parque Científico De Innovación Social-Colombia.



José Alberto Sampaio Aranha
Consultor e professor

Sobre o autor do artigo

É formado em Engenharia Química pela UFRRJ com especialização em instrumentação científica, pós-graduação em Administração pelo IAG PUC-Rio e especialização em Comércio Exterior pela Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (CECEX) do RJ e de empreendedorismo em Successful Entrepreneurship In The American Business Environment pela Nova Southeastern University (Fort Lauderdale) – FL - USA. Palestrante e planejador de cidades, redes, ambientes de inovação e empresas criativas. Assessor da diretoria de tecnologia da FAPERJ e participa dos conselhos Consultivo da ANPROTEC e CTSMART. Foi gerente de empresa internacional, empresário e fundador e diretor do Instituto Gênesis da PUC-Rio desde sua criação até março de 2016, presidente (2018-2019), vice-presidente (2016-2017) e diretor (2000-2007) da ANPROTEC, diretor da Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro REDETEC (2011-2012) e ajudou a fundar a empresa júnior e o curso de empreendedorismo da PUC-Rio, a REINC, a RELAPI e a RENAI (Rede Nacional de Associações de Inovação e Investimento) e a empresa Van Den Científica Ltda, que se tornou em 1990 uma das líderes do mercado de instrumentação científica e automação de laboratórios no Brasil.

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

IAG PUC-Rio - Instituto de Administração e Gerência da PUC-Rio

CECEX - Centro de Estudos de Comércio Exterior

NOVA - Nova Southeastern University – FortLauderdale - FL - USA

ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores

REDETEC - Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro

Reinc - Rede de Incubadoras do Rio de Janeiro

RELAPI - Rede de Incubadoras da América Latina

INOVAÇÃO EM GESTÃO DE PESSOAS: FORMAR SEGUIDORES!



Nos últimos anos, uma infinidade de material sobre liderança ficou disponível. Livros, artigos, aulas, treinamentos, filmes e outros meios apregoaram os princípios do líder. Muitos palestrantes fizeram um bom dinheiro ensinando as características inegociáveis do líder contemporâneo.

Porém, sente-se falta de um tipo de material para outro público: os liderados! Pois os líderes representam, no máximo, 20% do corpo de uma empresa e existe muito material para que possam aperfeiçoar suas técnicas de liderança, mas e para os outros 80% da equipe?

Investimento em liderados de qualidade

Ao longo dos anos, talvez motivados pelos inúmeros livros sobre liderança, criou-se o mito de que apenas os líderes são relevantes. Esse é o maior engano que se pode ter em relação à gestão de pessoas e equipes. Por conta dessa premissa errada, muitas empresas investiram muitos recursos na formação de líderes e muito pouco na formação e aperfeiçoamento dos executantes. Talvez esta seja a principal inovação que uma empresa precise atualmente: investir em liderados de qualidade.

As características de bom liderado/seguidor

Assim, pensando nos que não são líderes, há cinco características que um bom liderado/seguidor deve ter:

1 - Senso de equipe

Você faz parte de uma equipe, é uma engrenagem importante na máquina, e o líder conta com você. Se você não fizer o seu melhor ou se você falhar, toda a equipe sofrerá o impacto de um membro que não está cumprindo seu papel. Ter senso de equipe é entender que as coisas devem ser feitas para benefício do time e não apenas seu benefício. Os interesses devem ser os da equipe e não apenas o seu.



2 - Senso de urgência:

Quando se é parte de uma equipe, o senso de urgência é o que faz com que você cumpra suas tarefas o mais urgente possível. O cavaleiro solitário pode fazer o que quiser e quando quiser, porém em uma equipe, pessoas dependem do resultado do seu trabalho para realizarem suas tarefas. Assim, se seu prazo é para 10 dias, mas você consegue realizar em 5 dias, então faça em 5 dias!



3 - Senso de Autoridade:

Existe um líder no time e não é você! Então, quem dá a direção, as regras e estabelece a forma como a equipe deve andar é outra pessoa, o líder! Entenda os objetivos do líder, entenda o que ele deve entregar ao final da jornada, pergunte, questione, dê sua opinião, mas descubra o que ele espera de você e não se esqueça de que ele é o responsável pela equipe.



4 - Comunicação:

Erros são cometidos por vários motivos, mas ultimamente a falta ou falha de comunicação tem se tornado a principal causa de erros graves nas equipes. As pessoas estão cada vez mais introspectivas, com seus olhos atentos ao monitor, e se esquecem que a um metro e meio para a direita existe outro ser humano que não leu a sua mente e precisa entender o que você fez, como fez e como pode usar o que você fez para cumprir o objetivo da equipe. Fale, escreva, pergunte, comunique-se!



5 - Seja humano com os outros humanos:

Melhor dizendo, tenha empatia! Entenda o outro como a si mesmo, defenda o outro como se sua vida dependesse disso, realize suas tarefas de forma a facilitar quem vai receber o resultado delas. O que você entrega possivelmente será usado por alguém em uma cadeia de tarefas que, ao final, deve cumprir o objetivo único do time. Então, entregue sua parte de forma a facilitar a vida de quem a receberá e a utilizará; lembre-se de que ao seu lado existe alguém que também tem dor de cabeça, filhos, sonhos, medos, frustrações e seus altos e baixos como todo ser humano!



Rodrigo Abreu
*Diretor Geral do Aeroporto
Internacional*

Sobre o autor do artigo

Diretor Gerente com alto foco em resultados, pessoas e processos. Profissional com mais de 15 anos na indústria de Energia / Óleo e Gás, com registros de acompanhamento de resultados muito fortes no Brasil, América Latina, Itália e Reino Unido. Atua desde 2016, com ênfase para resultados de crescimento de vendas de dois dígitos no Brasil, mesmo durante a crise O&G e a crise brasileira. Atualmente é Diretor Gerente do Aeroporto de Cabo Frio. Formação acadêmica: MBA em Marketing e Vendas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV); Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Graduação em Engenharia de Produção pela UFF.

STARTUP BRASILEIRA PROMETE REVOLUCIONAR O MUNDO DA MOBILIDADE INTELIGENTE VEICULAR



A implementação de polos competitivos faz parte de uma política governamental para apoiar as startups e empresas em gerais na competição econômica nacional e internacional. Essa medida incentiva a geração de novas ideias e a consolidação de novos negócios.

Quando o assunto é novas ideias, o entendimento do conceito de startup se faz necessário: as startups são empresas novas, com potencial para crescimento rápido e acelerado, podendo se tornar uma grande empresa. Dessa forma, como nem todo empreendedor tem conhecimento técnico para pôr em prática suas ideias, hub's de inovação, parques tecnológicos, comunidades de inovação, entre outras iniciativas, podem ser fundamentais para que o sonho desse empreendedor se torne realidade.

Startup Safe Speed System

A startup Safe Speed System foi um case de sucesso nascido dentro desses ecossistemas de inovação. A ideia dessa startup nasceu no Centro de Inovação de Angra dos Reis, em conjunto com a comunidade de inovação BIG Valley (Baía da Ilha Grande Valley). A startup foi acelerada pelo SEBRAE e foi campeã do campeonato de tecnologia, na linha de mobilidade inteligente, proposto pela NISSAN (INOVASAN). Atualmente a startup está sendo acelerada pelo Founder Institute (maior aceleradora pré-seed do mundo).

O Safe Speed System é o futuro da mobilidade inteligente veicular. O excesso de velocidade tem sido um dos maiores problemas para o trânsito no mundo. Dessa forma, uma das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ODS (3.6) seria a redução, pela metade, do número global de mortes e lesões no trânsito, até 2020.

A simples inclusão de uma meta tão ambiciosa, relacionada às mortes e lesões no trânsito, constitui um progresso significativo em matéria de segurança viária. Só no Brasil, mais de 400 mil pessoas ficam inválidas todos os anos decorrente de acidentes de trânsito, o que gera um custo de mais de 300 milhões para o SUS.

A Europa, já reconhecendo esse problema, tem estudado maneiras para mitigá-lo e, devido a isso, planeja implementar em 2022 um sistema de fiscalização de tráfego por GPS, que fará a autuação dos veículos que excederem os limites de velocidade. Só no Brasil, no ano de 2019, houve mais de 5 bilhões de reais em multas por excesso de velocidade. Com o crescente aumento da população mundial e as facilidades de crédito para adquirir um veículo, a tendência é que esse problema se agrave, fazendo com que novas tecnologias na indústria AutoTech ganhem cada vez mais espaço.

Nesse sentido, a startup brasileira Safe Speed System apresenta uma tecnologia única no mundo, com patente já depositada, que promete mudar o conceito de mobilidade inteligente no mundo. O produto é composto por um aplicativo e dispositivo eletrônico que cabe na palma da mão, sendo este, por sua vez, conectado na entrada OBD-II de qualquer veículo automotor. Esse dispositivo se comunica por bluetooth, com um aplicativo instalado no smartphone do condutor. O Safe Speed System, diferentemente dos limitadores manuais existentes, impõe ao veículo, de forma automática, um limite de velocidade de acordo com o limite máximo permitido em cada trecho da via.

Para mais informações sobre o Safe Speed System, acesse: <https://www.sssystem.com.br/>



Jonni Guillier Ferreira Madeira
Empresário e dono da
Startup Safe Speed System

Sobre o autor do artigo

Jonni Guillier Ferreira Madeira é Matemático com mestrado em Engenharia Nuclear e doutorado em Matemática Aplicada. É Professor e Pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET) em Angra dos Reis. Suas linhas de pesquisa envolvem Produção de Biocombustíveis (Biogás, Syngas de Biomassa e Biohidrogênio), Produção de Bioenergia, Ferramentas Termoeconômicas, Análise do Ciclo de Vida, Eficiência Ecológica, Modelagem Matemática e Energia Nuclear. Além disso, é Pesquisador dos grupos de pesquisa Grupo Nanociência e Meio Ambiente e Grupo Agromatemática. Atualmente é mentor de startups no centro de inovação de Angra dos Reis e é cofounder da startup Safe Speed System e CMO da Startup Hígia Treinamentos.

AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (MPE) PODEM SER O SUSTENTÁCULO PARA A FORMAÇÃO DE UMA CADEIA PRODUTIVA DO SETOR NUCLEAR



“O Programa Nuclear Brasileiro (PNB), fruto do Acordo Nuclear Brasil - Alemanha Ocidental de 1975, é resultado dos esforços de políticas científicas e tecnológicas que impulsionaram o desenvolvimento socioeconômico no Brasil, e que se tornou uma preocupação latente no período de 1964 a 1985.

Deste programa, foram criadas empresas especializadas nas atividades nucleares, mão de obra altamente qualificada, centros e laboratórios de pesquisa, joint ventures, absorções de conhecimentos e tecnologias e o desenvolvimento de capacidades técnicas industriais que, em grande parte, conseguiram ser mantidas pelo governo mesmo após os tempos de crise econômica do final da década de 1980 e da década de 1990.

Do ponto de vista da geopolítica, a exploração científica, tecnológica, industrial e comercial do urânio enriquecido pode tornar o Brasil autossuficiente na produção de urânio e exportador de combustível nuclear” (Dr^a. Fernanda Corrêa, 2019).

Parcerias para formar uma cadeia produtiva próspera

Através de empresas âncoras, como as estatais Nuclep, Eletronuclear, INB e AMAZUL e as empresas privadas ATECH, Westinghouse, CNCC, FRAMATOME, E.D.F., Holtec e Rosaton, é possível fomentar os pequenos negócios, que hoje já respondem por cerca de 99% dos negócios brasileiros, têm uma participação de 30% do PIB e são responsáveis por 55% dos empregos gerados no país (Ministério da Economia, 05/10/2020), a formar uma cadeia produtiva próspera para o setor nuclear.

Incentivar a transversalidade entre setores, a formação de joint ventures e a inovação tecnológica, com base em uma política científica e tecnológica que impulse o desenvolvimento socioeconômico no Brasil, é urgente.

O setor nuclear está avançando

As obras para término da usina de Angra 3 e a extensão de vida de Angra 1 estão em curso. O depósito de armazenamento a seco do combustível empobrecido está prestes a ser inaugurado. A reabertura da mina de urânio de Caetité, na Bahia, e o início dos preparativos para a exploração da mina de Santa Quitéria, no Ceará, são alguns exemplos do que está acontecendo no setor nuclear.

O Ministério de Minas e Energia aprovou em 08/03/2021 a resolução nº 2, de 10 de fevereiro de 2021, do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), que estabelece orientações sobre o uso de recursos para pesquisa, desenvolvimento e inovação no setor de energia do País.



Oportunidades por meio da ascensão da indústria nuclear

É preciso aproveitar este momento de ascensão da indústria nuclear em todo mundo e no Brasil para promover a inovação tecnológica. Por exemplo, embora a INB domine o conhecimento de todas as etapas do ciclo do combustível, o urânio extraído das minas não é convertido para o estado gasoso, nem enriquecido em território nacional.

Como este, têm-se muitos outros exemplos que durante a pandemia ficaram exacerbados pela dificuldade de acesso a equipamentos e serviços no Brasil. A própria Eletronuclear teve de se reinventar durante o processo de abastecimento de Angra 2 que ocorreu em 2020.

As necessidades e as condições iniciais estão formadas. Está na hora de ter uma política de apoio a nossa indústria de base nuclear, principalmente a formada pelas MPE. Ter um cluster formado pela união de institutos de pesquisas e empresas prestadoras de serviços especializados é de suma importância.

Sobre o autor do artigo

Atuou de 1980-1998 na Companhia Rio Trilhos em Gestão operacional do sistema metroviário do Rio de Janeiro, desenvolvimento de sistemas de planejamento e controle de tempo real de despachos de trens e controle do sistema de energia. Foi coordenador de implantação operacional do trecho Maria da Graça a Pavuna. Realizou testes de implantação do Centro de Controle Operacional, trabalhou na formulação do Plano de Transporte de Massa da região Metropolitana do RJ e atuou como gestor público nas seguintes pastas no período 1998 a 2015: 1998-2000 – Secretaria de Estado de Energia, Indústria naval e Petróleo; 1998 a 2015 – Diretor Executivo da Tecnosoft Engenharia e Projetos Ltda; 2000 a 2004 – Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Infraestrutura e Energia de Paracambi, responsável pela captação financeira e elaboração e implantação de diversos projetos; 2005 a 2007 – Secretário Municipal de Indústria, Comércio e Agricultura e acumulando a pasta da Secretaria Municipal de Trabalho e Emprego de Nova Iguaçu; 2007 a 2008 – Subsecretário Municipal de Ciência e Tecnologia de Niterói; 2009 a 30. 08. 2015 – Presidente da Fundação Planetário da Cidade do R.J; 31. 08. 2015 a 05. 01. 2017 – Diretor Comercial da Nuclebras Equipamentos Pesados Ltda – NUCLEP; 01. 03. 2017 – Consultor do LABGEN / PUC – Rio; 01. 01. 2019 a 28. 02. 2019 – Presidente do Conselho de Administração da CEDAE; 01. 02. 2017 até a presente data – Presidente da ABDAN. Outras atividades importantes: Membro do Fórum das Associações do Setor Elétrico – FASE; Representante da ABDAN junto ao Gabinete de Segurança Institucional – GSI, Ministério de Minas e Energia, Ministério de Agricultura e Ministério da Saúde e demais autarquias para assuntos ligados ao Setor de uso das Tecnologias Nucleares; Desenvolvimento de propostas legislativas e regulatórias; Fomento a Cadeia Produtiva Nuclear; Membro do Conselho da EPE.



***Celso Cunha -
M.Sc. Eng. e Presidente da ABDAN***

O SISTEMA DE INOVAÇÃO É A BASE PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL



Um dos pilares para o sistema de inovação é o aprendizado interativo, alicerçado pelo conhecimento e pela difusão de informações entre os atores empresariais, institucionais e tecnológicos que fazem parte do sistema produtivo, que engloba a indústria, a agricultura e a pesca, o comércio e o serviço, preferencialmente de forma integrada.

A proximidade entre esses elementos contribui para a geração de externalidades positivas, muitas vezes de forma espontânea, que promovem a inovação e sua difusão no ambiente do território e ao longo das cadeias produtivas. Essas externalidades são geradas pelas trocas provocadas por estar próximo, por dividir alguma infraestrutura, por utilizar mão de obra, especialistas, serviços, fornecedores comuns e por se comparar e interagir, o que seria difícil de acontecer caso a empresa estivesse em um local isolado, física ou digitalmente.

Esta é uma importante constatação e se enquadra na conceituação de autores do tema, como Freeman e Lundvall, que abordam o sistema de inovação como um processo de aprendizado interativo, que tem o conhecimento como recurso e o aprendizado como processo fundamental em uma estrutura social e econômica.

A visão linear tradicional do processo de inovação é definida como a mudança tecnológica advinda inicialmente da pesquisa e do desenvolvimento (P&D), em seguida pelo processo criativo e difusão de conhecimentos e tecnologias, culminando no desenvolvimento de novos produtos e serviços, e chegando aos novos processos de incremento da produtividade ou transformações radicais. Essa visão funciona muito bem em setores onde a tecnologia é predominantemente originada na ciência básica e em seguida aplicada, ou seja, algumas pertencentes à fronteira do conhecimento.

O processo linear não é a única forma de geração de inovação

A inovação também pode ser desenvolvida fora das estruturas formais de P&D, por meio do aprendizado na hora do fazer, do usar e da interação entre usuários e fornecedores, e ocorre principalmente quando se está diante de um problema ou um desafio a ser transpassado, quando existe uma necessidade efetiva, uma ameaça ou oportunidade como “pano de fundo”. Esta lógica da inovação funciona mais adequadamente na busca de melhorias incrementais nas empresas, o que não impede o aparecimento de inovações de ruptura nesse processo.



A inovação como instrumento de difusão de conhecimentos e envolvimento entre diversos atores

É possível afirmar que o sistema de inovação, como instrumento de política de desenvolvimento econômico e social, pode ser aprimorado através de esforços que promovam maior contato entre pessoas, empresas, instituições, clientes, fornecedores e prestadores de serviços em um ecossistema ditado pelos atributos de mercado ao longo das cadeias produtivas e determinados territórios.

Essa conclusão pode parecer simples, pois necessita da participação dos atores econômicos. Porém, uma das maiores dificuldades de estruturação de políticas de desenvolvimento de incentivos à inovação é a dificuldade de arregimentação, sensibilização, engajamento dos atores empresariais e das instituições de suporte com o propósito de trabalharem de forma coletiva, otimizando recursos e conhecimentos.

Pode-se então sugerir que um eficiente sistema de inovação deve considerar como fundamentais os mecanismos de difusão de conhecimentos e realização de atividades de acesso a informação, tecnologia, cultura, capacitação, planejamento e negócios, de forma integrada e convergente, devendo ainda incentivar ao máximo a participação dos atores institucionais e empresariais em ações conjuntas, sempre trazendo novos desafios para a competitividade, sustentabilidade empresarial e do sistema produtivo como um todo.

É importante ressaltar que as ações coletivas devem atender também aos interesses individuais dos atores do sistema. Dessa forma, é possível sensibilizá-los através de objetivos que possam ser compreendidos e compartilhados. Esta é uma boa estratégia de indução do processo de inovação nas cadeias produtivas e seus territórios, promovendo o encadeamento produtivo tecnológico de forma sistêmica.



Renato Dias Regazzi
MSc Mestre em Gestão Tecnológica
e Gerente do Sebrae/RJ

Sobre o autor do artigo

Mestre (Msc) em Gestão Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), é Pós-Graduado em Engenharia de Produção, com ênfase em Qualidade e Produtividade, pelo Instituto Nacional de Tecnologia (INT/UFRJ), e Graduado em Engenharia Mecânica pela UFRJ. Possui MBA em Gestão Estratégica de Negócios e Inovação pela HSM Educação e tem especialização em Formação de Lideranças pela Fundação Dom Cabral (FDC) e em Gestão Estratégica pelo Insead (Fontainebleau, França). Também possui MBA em Gestão de Pessoas com Ênfase em Liderança Organizacional (FDC). Fez o curso de Estratégia e Mindset para Acelerar a Inovação na Universidade de Stanford (IEL) e o curso de Gestor de Projetos de APLs pelo Bid/Promos, em Milão (Itália). É especialista em Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional. No Sebrae/RJ desde 1993, é atualmente gerente da área de Grandes Empreendimentos do Sebrae/RJ, conselheiro do Fórum de Competitividade da Firjan, além de ex-conselheiro administrativo da Agência Desenvolve do Estado de Alagoas. É autor de diversos artigos, livros e publicações e trabalha há mais de 20 anos com o tema do empreendedorismo e do desenvolvimento regional.



Playlist Catalisa Corporate Summit

A “Inovação Aberta” é um dos temas, da atualidade, mais debatidos pelas empresas e governos, com o objetivo de buscar maior produtividade, valor agregado e ampliar mercados, promovendo o dinamismo econômico, gerando empregos e o aumento da competitividade, visando criar um círculo virtuoso de crescimentos econômica e social.

Uma das bases para a inovação aberta é a parceria entre grandes, médias, pequenas empresas e startups ao longo das cadeias produtivas, formando encadeamentos produtivos e tecnológicos nos territórios (desenvolvimento local), adensando as cadeias produtivas.

A “playlist” sobre o título “Catalisa Corporate Summit” é também uma inovação, por meio da projeção de conteúdos relevantes organizados em forma de vídeos de registros no YouTube.

Isso promove o consumo de informações e conhecimentos além do período da sua execução, disseminando informações reflexivas para a sociedade.

Acesse a playlist a seguir e saiba como sua empresa pode promover conexões entre atores-chave para transformar demandas ou problemas em soluções inovadoras:

#1

[Conheça mecanismos de apoio à inovação para ser mais competitivo](#)

#2

[Cases de Sucesso do uso de P&D do setor de Óleo e Gás](#)

#3

[Oportunidades para o Uso da Inovação Aberta nos Polos Competitivos](#)

#4

[Tecnologia Nuclear - Utilização e Oportunidades de Negócios](#)

#5

[Setor Automotivo Inovação como Indutor do Desenvolvimento](#)

#6

[Polo de Saúde Leste Fluminense Oportunidades e Inovação de Mercado](#)

#7

[Saiba como os pequenos negócios são impactados pela inovação nas grandes e médias empresas](#)

#8

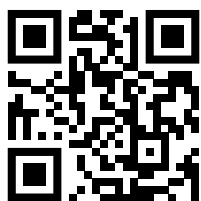
[Negociação Virtual - Oportunidades de Fornecimento para hospitais de Niterói](#)

#9

[Negociação Virtual Oportunidades de fornecimento para o setor automotivo](#)

#10

[Negociação Virtual Oportunidades de fornecimento para aeroporto de Cabo Frio](#)



Aponte a
câmera
do seu celular e
acesse a **playlist**

<https://lnkd.in/ebzzR77>



www.riooportunidadesdenegocios.com.br



Central de Relacionamento

0800 570 0800